

## DA MEDIAÇÃO CULTURAL AOS MECANISMOS DE AVALIAÇÃO<sup>1</sup> O LUGAR DA EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE

Júlia Rocha Pinto – UNESP

### Resumo

O presente texto é parte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida, intitulada “Processos avaliativos em mediação cultural: a postura reflexiva das ações educativas”. A pesquisa busca, por meio de entrevistas e observação, conhecer as formas de avaliação que programas educativos utilizam em seus procedimentos de trabalho. Portanto, por meio deste artigo são refletidas algumas questões em torno de temas como, a mediação cultural, o ensino de arte, sua avaliação e a experiência como forma de aprendizado.

**Palavras-chave:** avaliação, mediação cultural, museus, público.

### Abstract

*This text is part of a research that is being developed, entitled "Evaluation processes in cultural mediation: the reflexive stance of educational activities". The research seeks, through interviews and observation, to know the ways that educational programs use evaluations in their daily work procedures. Therefore, this article reflects some issues around themes such as cultural mediation, the teaching of art and its evaluation as a learning experience.*

**Keywords:** assessment, cultural mediation, museums, public.

“O espaço é hoje apenas o lugar onde as  
coisas acontecem; as coisas fazem o espaço  
existir”

Brian O’Doherty

Sabe-se que existem barreiras simbólicas que impedem o acesso do público aos bens culturais, diante desta constatação, podemos nos perguntar: que valor existe na obtenção de objetos simbólicos carregados de significado se existem barreiras que descontinuam o acesso a estes bens? Museus e centros culturais são espaços que guardam parte da história passada e presente; e têm, além da função da salvaguarda, a tarefa de comunicar e divulgar estes bens culturais.

Os conhecimentos que os museus de arte detêm perderiam o sentido se permanecessem fechados e inócuos àqueles que o tornariam vivo: o público. Mas quem é o público que frequenta as instituições culturais promotoras da arte?

Por meio de pesquisas de frequência, algumas instituições tentam compreender o perfil de público que visita os museus. Teixeira Coelho (2004) fala que não existe público de arte, mas sim públicos; que se compõem de uma variedade de conjuntos que têm motivações e objetivos próprios, além de um comportamento específico. E é necessário compreender, como afirma Mantecón (2009, p. 180), que a configuração do público acontece somente no encontro com as ofertas culturais, não preexiste a elas.

Portanto, o público “consumidor” de arte não é identificado a não ser pela sua presença em espaços culturais. Por meio de análises do campo, é possível determinar um perfil de espectador predominante nestes espaços, como fizeram Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2007), realizando uma pesquisa em museus de cinco países da Europa, quando determinaram que o perfil do público habitualmente frequentador de museus é de pessoas da classe culta, com alto poder econômico e detentoras de tempo e necessidade voltados para a cultura.

Independente da delimitação de uma amostra que generaliza o espectador de ofertas culturais, precisamos aceitar que as instituições culturais nem sempre são realmente democráticas e abertas a todos. Existem barreiras simbólicas que tornam os museus, como afirma Bourdieu (2007), espaços paradoxalmente acessíveis a todos, porém interditados à maioria das pessoas. Concepção compartilhada por Mantecón (2009, p. 190) que diz que “A não participação pode ser produto não só da distância geográfica e da falta de capital cultural ou econômico; podemos identificar também barreiras simbólicas que impedem o acesso”. Estas barreiras simbólicas são chamadas por Natalie Heinich de “obstáculos invisíveis” (2008, p. 75).

Indo de encontro ao bloqueio simbólico colocado por vezes pelas construções imponentes dos prédios que abrigam estas instituições, ou até mesmo, por funcionários que fazem a segurança ou objetos que repelem o público em suas tentativas de aproximação, está a função educativa que os centros promotores de arte e cultura possuem.

Na contemporaneidade a prática da mediação cultural em exposições de arte é bastante recorrente; e diversos museus e centros culturais contam com uma equipe de ação educativa exclusiva para atender o público visitante e pensar em projetos que ressignifiquem seu acervo e suas mostras.

As correntes contemporâneas de ensino de arte também contemplam este campo não formal de arte-educação, obtendo fontes de pesquisa em textos e materiais. Percebe-se, porém, que há poucas pesquisas sistematizadas sobre os métodos avaliativos utilizados por setores educativos.

Este texto é um recorte da pesquisa de mestrado que está em desenvolvimento e busca problematizar as formas de avaliação realizadas por setores educativos de diferentes museus de arte e centros culturais na cidade de São Paulo. Atravessando este questionamento inicial, colocam-se outras perguntas: Qual a importância da avaliação no ensino de arte? Como avaliar a ação educativa que acontece em exposições? Quais sujeitos devem ser avaliados no processo educativo em exposições?

Na busca por possíveis respostas, a pesquisa percorre diferentes campos teóricos que acabam por delinear e atravessar o tema da investigação, bem como seu problema. Como domínio mais amplo coloca-se o ensino de arte e como domínio específico os setores educativos de museus e instituições culturais, um recorte que aponta para o ensino não formal.

O processo educativo em espaços expositivos é valorizado por meio da mediação, e a avaliação das ações educativas pode valorizar e ressignificar o ensino não-formal realizado em museus de arte. Contudo, a bibliografia sobre a avaliação no ensino não formal de arte ainda é escassa, contando com publicações que circulam ainda dentro do campo teórico. Conforme Ana Mae Barbosa (2009, p. 22):

Precisamos de pesquisas que avaliem os melhores procedimentos para atingir os objetivos educacionais de hoje, que se concentram principalmente na flexibilidade de pensar e agir, na capacidade de elaborar em direção à melhor qualidade de vida no planeta e no aprender a aprender. Há uma rejeição a avaliação no Brasil, em especial no terceiro setor, em que os belos discursos muitas vezes escondem o autoritarismo castrador do pensamento.

A pesquisa se justifica desta forma, por sistematizar as referências teóricas já presentes; além de dar visibilidade e reconhecer o trabalho que já é realizado, porém muitas vezes é apenas institucional e não acessível a todos, já que as ações avaliativas são geralmente internas e não publicadas.

Dar a conhecer as formas de avaliação que os programas educativos utilizam em sua prática pode ser benéfico ao campo do ensino de arte, mas também aos próprios educadores de museus, que poderão dialogar com setores de outras instituições.

Através dos procedimentos de pesquisa pretende-se reconhecer os sujeitos avaliados no processo das ações educativas. Para isso pretende-se identificar e investigar os diferentes sujeitos envolvidos no processo de avaliação, tais como o mediador da instituição, o professor que acompanha o grupo de estudantes, e o aluno.

### **A mediação cultural em exposições de arte**

Acompanhando tendências pós-modernas do ensino de arte, a vivência educativa em exposições tem sido muito mais pautada em uma postura reflexiva e construtiva. Por isso, no campo não formal da educação que desempenham os museus e centros culturais hoje, o mediador não é aquele que nos oferece dados e respostas, mas sim a figura que pretende nos instigar a pensar sobre as possíveis aproximações de nosso repertório em relação ao universo das imagens.

A noção de mediação cultural pressupõe, portanto, que no ato da experiência, o momento da visita a uma exposição de arte, haja uma relação dialética entre sujeito e objeto de conhecimento, e entre estes dois vértices, um educador. O mediador deve posicionar-se como um contextualizador, buscando o encontro entre o repertório que o próprio público possui com as referências imagéticas e teóricas que ele tem acerca do artista, da obra, do tema, do enredo, dos aspectos formais etc. Miriam Celeste Martins (2005, p. 44) afirma que “A mediação pode ser compreendida como um encontro, mas não como qualquer encontro. Um encontro sensível, atento ao outro”.

Em decorrência das inúmeras ressignificações que ocorreram no campo da arte nas últimas décadas, o educador de museus precisou se adequar e alterar sua posição diante do público. É neste contexto que surge aquele que chamamos hoje de mediador (antes denominado guia ou monitor), aquele que relaciona, dialoga, e instiga o espectador a elaborar a sua própria interpretação da obra de arte. Fernando Cocchiarale (2006, p. 15) assegura que “O monitor, o educador, o mediador deve ser menos a pessoa que transmita conteúdos e mais alguém que estimule o público a estabelecer algumas relações de seu próprio modo”. Compreende-se que, enquanto mediador, o educador é muito mais um propositor do que um depósito de informações e dados a ser despejado sobre o público. Conforme Martins (2005, p. 17):

O papel de um mediador é importante para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz. Pois, o objetivo maior não é propiciar contato para que todos os aprendizes conheçam este ou aquele artista, mas sim que eles possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e seus desejos, de sua cultura, de sua realidade, da natureza à sua volta e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo singular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte.

### **Avaliação como reflexão do processo**

O conceito de mediação trouxe para o ensino de arte realizado em museus novas perspectivas de atuação, em decorrência, percebe-se que a reflexão sobre o processo deve ser intrínseca à própria ação educativa, e a avaliação deve ser realizada de forma sistemática. O exercício educativo realizado em exposições se enriquece ao passar por um processo crítico de análise do trabalho desempenhado para estar em constante revisão das ações e adaptação aos públicos.

Para tanto, podem ser adotadas diversas formas de avaliação da prática do setor destinado ao ensino de arte. A avaliação deve ser entendida como um meio, como parte do processo; e não como finalidade, como algo que ao final de uma ação tente julgar as práticas adotadas. É preciso que a avaliação esteja preocupada com

uma transformação do ensino, e não com um julgamento de valor deste ou daquele aprendizado. Estas formas de avaliação, portanto, precisam ser embasadas dentro de uma perspectiva educacional e serem analisadas constantemente buscando o retorno necessário.

Os resultados desta pesquisa pretendem ampliar as possibilidades de refletir acerca da avaliação dentro do sistema acadêmico, mas também retornar conclusões, dados e possibilidades para a mediação em seu próprio campo, na prática, criando fontes de pesquisa. Barbosa (2009, p. 22) cita Marques dizendo que

(...) é pelo caminho da pesquisa e da avaliação que se pode desenvolver o enorme potencial educativo das exposições de arte e dos museus para o entendimento do mundo que nos cerca, da cultura do nosso país e do fortalecimento do ego cultural dos excluídos.

Segundo investigação realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada do Ministério da Cultura (2007), no que tratam das características de consumo e oferta cultural, 92% dos brasileiros nunca foram a um museu e 93,4% dos brasileiros jamais frequentaram uma exposição de arte. Estes números apresentam dados muito críticos que evidenciam a falta de hábito dos brasileiros de ter acesso a ambientes ligados à cultura.

Neste sentido que o mediador de museus pode articular à sua prática a função de um formador de público, visto que desta estatística a maior parte dos espectadores só têm acesso aos museus por meio da escola. David Thistlewood (1999, p. 153) defende a presença de um educador dentro dos espaços culturais e reforça o papel social do museu dizendo que

é importante compreender o enorme potencial dos museus de arte como condensadores culturais. Várias influências de todo o mundo têm sido sintetizadas neles, a ponto de os museus de arte de hoje (...) serem uma mistura de palácio, monumento popular, academia, laboratório, propriedade pública e casa da moeda. Nesse sentido não é uma instituição que os estudantes (ou qualquer outro cidadão) sejam displicentemente introduzidos, porque será impossível ignorar seu conteúdo cultural. A

introdução ao museu de arte e o seu acervo deve ser orientada, isto é, acompanhada de instrução.

Assim sendo, o educador de museus pode ser uma figura encorajadora de acesso aos bens culturais expostos. Teresinha Franz (2001, p. 53) afirma que “Diante de obras de arte, mais do que dar respostas, ele [o mediador] deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada”. Desta forma, os agentes mediadores colocam-se entre as referências/expectativas, do professor, do público e da obra, relacionando, dialogando e propondo um contato diferenciado com a arte.

Todo este processo dialógico e mediador que se procede entre o educador de museu, o professor de sala de aula e o estudante precisa ser considerado e refletido continuamente. Como a ação educativa em museus não é uma prática processada de um componente para outro, mas sim de maneira multilógica e de cooperação entre os participantes da prática, o processo de mediação acontece dessemelhante ao ambiente escolar.

Diferentemente da avaliação no ensino de arte escolar, a avaliação das ações educativas realizadas em campos expositivos da arte não possui uma caracterização de mensuração, descrição, julgamento e negociação. Muitas dessas etapas inclusive nem poderiam ser cumpridas, visto que na mediação cultural é habitual que o educador não conheça o grupo previamente ao contato na exposição e nem prossiga o processo educacional após o retorno do grupo à escola, e por isso não possa basear a avaliação em julgamento ou negociação, por exemplo.

Isso não aconteceria também porque a avaliação de um processo dialógico não é unidirecional, diretiva, nem destinada a uma medida de aprendizado dos alunos. A referida avaliação é para a mediação enquanto processo, e, portanto não mensura conhecimento adquirido ou qualidade na transmissão de informações e dados. Marília Xavier Cury (2005, p. 125) coloca que

A avaliação deve ser entendida como um mecanismo que possibilite uma (re)orientação permanente dos nossos procedimentos ao implementar

processos de comunicação museal – elaboração, execução e recepção pelo público. A avaliação, então, está vinculada ao desenvolvimento profissional, organizacional e ao desenvolvimento do pensamento museológico – revendo, corrigindo, aprofundando e ampliando a prática e o pensar.

A relevância de se avaliar as práticas realizadas dentro de um museu são, portanto, reflexo desta postura contemporânea em que se coloca o educador como um mediador. A postura não é de conceituar ou dar valor, mas de refletir sobre a própria prática. Se a questão da propriedade do trabalho desempenhado fosse critério central para uma avaliação da ação educativa, isto poderia reforçar a questão classificatória da avaliação do ensino formal; visto que neste sentido a qualidade baseia-se na comparação, e confunde-se com a quantidade através de sistemas de médias, índices e estatísticas. De acordo com Jussara Hoffmann (1993, p. 33)

(...) qualidade, numa perspectiva mediadora da avaliação, significa desenvolvimento máximo possível, um permanente “vir a ser”, sem limites pré-estabelecidos, embora com objetivos claramente delineados, desencadeadores da ação educativa. Não se trata aqui, como muitos compreendem, de não delinear pontos de partida, mas, sim de não delimitarmos ou padronizarmos pontos de chegada.

A avaliação mediadora valoriza muito mais o processo da ação e os objetivos metodológicos do que um resultado pragmático e elaborado por meio de gabaritos e resultados únicos e fechados. A avaliação para uma ação educativa em ensino não formal valoriza este processo criado nas relações estabelecidas e no diálogo, não em focos finais como bem afirmou Hoffmann (1993).

Os critérios avaliativos também são diferenciados entre o ensino escolar e o ensino ocorrido em espaço expositivo. O vínculo institucional agrega valor simbólico ao processo avaliativo. E enquanto no espaço escolar exige-se prioritariamente a memorização de dados, notas altas, obediência e passividade, no espaço do museu instigam-se muito mais a aprendizagem, a compreensão, o questionamento através do diálogo e a participação no coletivo.

Como a avaliação em arte tende a um subjetivismo, é necessário definir os critérios que serão ponderados para uma clareza das considerações avaliativas. Ainda que estes critérios devam ser flexíveis, buscando respeitar a distinção dos alunos entre si. De acordo com Enid Zimmerman (2008, p. 414) “Ao avaliar a aprendizagem e as realizações dos alunos de artes é melhor empregar uma variedade de critérios e de medidas autênticas para diferenciar estilos de aprendizagem de estudantes de repertórios diversificados”.

Se voltarmos a pensar na postura reflexiva que trouxe o conceito de mediação, ao substituir a terminologia de monitoria e visita guiada, podemos ter como pressuposto que a avaliação já é parte componente do processo e que não deva ser pensada individualmente. A reflexão da visita mediada aparece no desenvolvimento do processo, como coloca Magaly Cabral (2010, p. 5):

Os museus devem considerar a avaliação como processo, pois não se trata de um produto pronto, e sim uma forma de buscar escutar e desarmar-se diante do outro. Pensar avaliação é pensar finalidade, missão, objetivos e não há nada de natural, parcial ou neutro neste processo. A avaliação desenvolvida desse modo aumenta o valor dos espaços públicos voltados a promover a construção da discussão e opinião – espaços que representam legitimamente os visitantes – e ajuda aos profissionais de museus e pesquisadores a efetivamente estabelecer estudos de avaliação em museus como práticas dialógicas.

A prática dialógica da mediação precisa, portanto, ficar clara nos métodos avaliativos que serão utilizados para as ações educativas. Os objetivos educativos devem ser respondidos através dos parâmetros que serão observados nas avaliações, afinal a mensuração de algo pressupõe um planejamento das metas a serem alcançadas no processo.

Enfim, é importante que haja uma avaliação das visitas e também dos outros projetos concebidos e realizados pelos setores educativos de museus e instituições culturais visando qualificar o trabalho e promover a reflexão das práticas executadas. Adriana Mortara (2004, p. 24) nos traz esta relevância em se saber dos limites e dos caminhos que a ação educativa pode traçar:

A avaliação fornece um retorno aos profissionais envolvidos no processo de planejamento e realização das atividades museológicas, assim como suporte ao planejamento de ações futuras. A avaliação é fundamental para o questionamento das práticas educativas, do fazer dos educadores e dos profissionais envolvidos.

Muito mais que oferecer respostas, a avaliação das ações educativas acaba por conceber questões que instigam uma qualificação do trabalho realizado junto ao público nas exposições de arte. Pensando no processo educativo travado entre mediador, professor e estudante dentro de uma instituição cultural, planejam-se as ações e os objetivos futuros, ressignificando o trabalho da mediação cultural a partir da sua própria vivência e também da experiência do outro.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida intitulada "Processos avaliativos em mediação cultural – A postura reflexiva das ações educativas", com orientação da Profª Drª Rejane Galvão Coutinho e financiamento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte** – Os museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Economia e política cultural**: acesso, emprego e financiamento. Frederico A. Barbosa da Silva, autor. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.

CABRAL, Magaly. **Avaliação das ações educativas em museus brasileiros**. Disponível em: <[http://www.icom.org.br/AVALIACAO\\_ACOES\\_EDUC\\_MUSEUS\\_BRAS.pdf](http://www.icom.org.br/AVALIACAO_ACOES_EDUC_MUSEUS_BRAS.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2010.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da Arte Contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

---

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte** – Museu Victor Meirelles. Florianópolis, SC: Insular, 2001.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia da arte**. Bauru, SP: Edusc, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre, RS: Educação & Realidade, 1993.

MANTECÓN, Ana Rosas. O que é público? In: **Poiésis**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense. Niterói, n.14, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.

MORTARA, Adriana. **Avaliação da ação educativa e cultural em museus: teoria e prática**. In: Revista Musas. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

THISTLEWOOD, David. Estudos críticos: O museu de arte contemporânea e a relevância social. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1999.

ZIMMERMAN, Enid. Avaliação autêntica de estudantes de Arte no contexto de sua comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação contemporânea – Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.

### **Júlia Rocha Pinto**

Graduada em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestranda em Artes pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Atualmente trabalha como supervisora da Ação Educativa do Pavilhão das Culturas Brasileiras, desenvolvendo práticas de mediação cultural com o público.